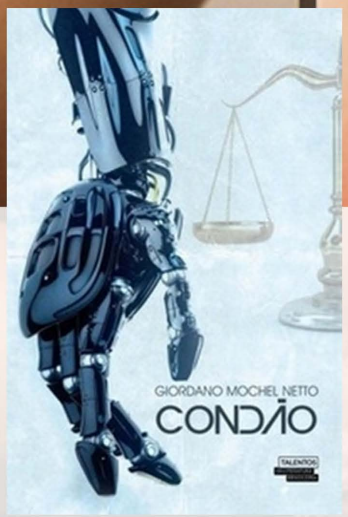
LITERATO

ano 1, maio, 2016

ENTREVISTANDO

JOANA AMORIM

Lançamentos, entrevistas e muito mais.



O FUTURO QUE PODE SE TORNAR REAL

- CONHEÇA CONDÃO

NESTA EDIÇÃO:

Editorial - pg 03
Eu, tu, ele, ela, por Vanessa Martinelli Levandowski – pg 04
O futuro que pode se tornar real- pg 05
Entrevistando Joana Amorim -pg 09
Indicando: Coisas do Coração -pg
A Mitologia do Mito, por Jefferson Andrade – pg 12
Uma tentativa frustrada de se matar de escrever, por Alexrande de Almeida - pg 14
Indicando: Magos da Música – pg 16
Clayton De La Vie contando: A Morte Traz um Novo Mundo – pg 17
Lançamento: Seres do Além - pg 21
Opinião: Por que ao longo dos anos a poesia tem sido negligenciada pelos leitores, que optam por outros gêneros literários? - pg 22

Editorial

L!TERATO entrou em hiato, infelizmente, devido a uma série de fatores extremamente ruins, no entanto, *antes tarde do que nunca*, já dizia o ditado.

Sendo tarde, ou não, a novidade é que selecionamos diversas obras lindas para apresentar a você, leitor, incluindo três excelentes contos e um artigo sensacional escrito por Alexandre de Almeida.

Nas próximas páginas, divirta-se. Ah, a autora da vez é a Joana Amorim, uma das autoras mais queridas que tenho a honra de conhecer.

Boa leitura

Lord C (Clayton De La Vie)

L!TERATO

Responsável: Clayton De La Vie
Ano 1. Maio, 2016

EU, TU, ELE, ELA

por Vanessa Martinelli Levandowski

Homens são de Marte, mulheres são de Vênus. Perdi as contas de quantas vezes ouvi essa frase, logo acompanhada por um texto sobre as diferenças entre os sexos. E como devemos fazer para conviver sem criarmos um clima de Terceira Guerra Mundial Intergaláctica.

Sobre como as mulheres são choronas, os homens objetivos e racionais.

Como as mulheres se preocupam com o que vestem e como cheiram enquanto a maioria dos homens tem a capacidade de usar a mesma cueca dois dias seguidos.

Como as mulheres fazem várias coisas ao mesmo tempo e esquecem a chave do carro, enquanto os homens só pegam a chave do carro e esquecem todo o resto.

Como a mãe costuma combinar tudo na roupa do filho para ir naquela festinha, enquanto o pai deixa ele sair com bermuda xadrez, camisa listrada e boné de time de futebol. Aff!

Concordo que temos pontos que divergem.

Mas também entendo que temos mais coisas em comum do que diferenças.

A Vanessa está maluca, vocês podem dizer.

Estou não. Explico.

Todos temos um corpo. Que sente, chora e vê. Um corpo que pede cuidado, que nasce para ser amparado e respeitado. Independente se choramos mais ou menos, o fato é que nos sentimos tristes.

Independente se nos preocupamos com as propriedades condicionantes do shampoo, o fato é que todos queremos ser reconhecidos como pessoas interessantes.

Se pintamos as unhas de roxo ou se ficamos sem cortar as unhas por meses, nossas mãos querem encontrar outras mãos.

Somos filhos do mesmo ventre, seres humanos lindos e especiais em sua essência. E isso não depende de ser homem ou mulher. Na verdade, isso não depende de raça, credo ou preferência. Nossa natureza é humana. A nossa farinha é a mesma.

Escuto amigos falando que não entendem as mulheres e amigas falando que precisam urgentemente compreender os homens se quiserem ser mães antes dos quarenta.

Para todos, apenas um conselho: não foquem nas diferenças, naquilo que não entendem. Foquem nas semelhanças, o que existe em comum, o que todos temos ou precisamos.

A boa convivência vem de não enxergarmos apenas as divergências, mas sim o que combinamos. O que nos torna seres humanos e, portanto, animais racionais da mesma espécie, independente do gênero. Seres que riem,

que choram, que amam, que se decepcionam, independente de como, onde e por quê.

Que se ofendem quando são alvo da raiva alheia.

Que se sentem felizes quando recebem uma massagem.

Que adoram presentes e surpresas.

Que nem sempre sabem lidar com um elogio, mas os adoram.

Que sentem o coração aquecido quando são reconhecidos em seus feitos.

Seres complexos e únicos, que dificilmente conseguiremos catalogar e definir.

Temos tantas variações que seria inútil nos fiarmos nelas. As diferenças são importantes para nossa personalidade e não devem ser um obstáculo nos relacionamentos.

Homens são de marte, mulheres são de Vênus.

Não importa. Posso ser de Plutão, e daí?

Somos todos estranhos míticos, que convivem e aprendem a ser melhores dia após dia. Do sucesso de nossas relações depende o acolhimento que damos ao outro, a identificação e a empatia que desenvolvemos.

Ao invés de nos impacientarmos com as diferenças, vamos nos emocionar com as semelhanças. Isso é o que importa.

Devemos cuidar com os rótulos e tudo aquilo que nos limita, que limita o nosso julgamento. Tem homem que separa roupa por cor e gasta um quilo de gel no cabelo. Tem mulher que corta o cabelo curtinho para não se incomodar e prefere um sapato baixinho para não forçar a coluna.

Criamos nomes para intitular essas pessoas que, de alguma forma, divergem do nosso conceito de feminino e masculino.

Que tédio.

Somos o que somos, independente se nascemos homem ou mulher.

A paz vem de olharmos com olhos de compreensão e cuidado para os que estão ao nosso lado.

Eu, tu, ele, ela. Eles que são elas, elas que são eles, tu que é como eu, que é como ela, que tem coisas dele e dela.

Uma criação perfeita em sua imperfeição maravilhosa.

E vamos ser felizes, que é o que importa!

BIOGRAFIA:

VANESSA MARTINELLI LEVANDOWSKI tem 35 anos. É neuropsicóloga, escritora e ilustradora, mora em Joinville (SC), é casada e tem uma filha linda de seis anos**. "Amigos Inimigos"** é o seu primeiro livro infanto-juvenil, foi lançado em 2012 e trata-se da história de Maria e Jack, dois adolescentes que eram grandes amigos na infância, mas que hoje não se suportam! O segundo livro da Série, **Amigos Inimigos 2- A formatura**, foi publicado pela editora Novo Século, em 2013. Em 2014, foi vencedora do prêmio Saraiva de Literatura, na categoria juvenil. O seu novo livro, **"As crônicas de Fiorella",** foi publicado pela Saraiva em 2015. Em 2015 também foi publicado **"Ana e o Servo de Deus",** um livro infanto-juvenil que fez em 2014, em caráter voluntário, ao Instituto padre Aloísio.

CONTATOS:

Email: contato@vanessaml.com

Blog: http://www.vanessaml.com

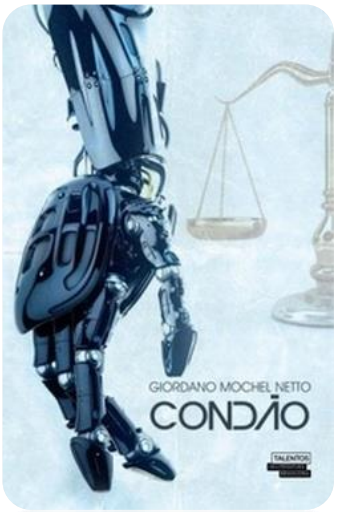
Facebook: www.facebook.com/escritoravanessamartineli

Twitter: www.twitter.com/ml_vanessa

Instagram: www.instagram.com/vanessamartinellilevandowski

O FUTURO QUE PODE SE TORNAR REAL

Diferente de outras obras do gênero, embora mantenha aspectos comuns à ficção científica apresentando reflexos principalmente de Admirável Mundo Novo, Condão se destaca pela abordagem política, explorando, dessa forma, as muitas facetas do sistema Judiciário, Legislativo e Executivo.



Traçando de forma verossímil parâmetros que culminaram na construção de um novo planeta Terra, onde a população não mais vive sem os avanços tecnológicos, o autor, Giordano Mochel Neto, nos introduz a um mundo completamente plausível, pontuando de forma crível o porquê das diversas intervenções da tecnologia, elucidando conscientemente as falhas humanas que precisaram ser aprimoradas e, sobretudo, fazendo-nos questionar se o presente é mesmo o nosso porto seguro ou se precisamos com urgência desses reparos que foram citados.

Não haveria o que se discutir diante da visão de um futuro tão impecável se não fosse um detalhe que está presente na maioria dos livros de ficção científica: as máquinas evoluíram demais. E é certo que, em uma sociedade onde todos se acomodaram com o conforto fornecido por drones, metrôs ultra velozes e outras dezenas de parafernálias, a população se torne refém das máquinas mal-intencionadas.

Bacharel em Ciência da Computação, é evidente que o Giordano Mochel Neto apresentasse ao público uma obra aceitável em aspectos tecnológicos; no entanto, em Condão, percebemos que o cuidado do autor não está voltado somente a esse detalhe, mas também em todos as questões linguísticas, que foram respeitadas e mostraram, assim, que o livro de estreia é não apenas um prato cheio para os amantes dos livros futuristas, como mais uma excelente opção de leitura àqueles que não querem se preocupar com excessos de pronomes e tampouco se a vírgula está mal empregada em determinada oração. Com a criação de personagens marcantes, totalmente particulares e independentes, o enredo tornou-se uma aventura constante. Enfim, Condão apresenta as suas singularidades na medida certa e respeita as características que há muito acompanhamos escritas nas páginas de um livro ou estampadas nas telas do cinema.

Tecnologia robótica, petabytes, Direito Eletrônico. Esses termos fazem parte do cotidiano de Edwardo, um jovem que vive em uma sociedade ultratecnológica em que o controle da informação tornou-se o meio de referência para todos. Programador virtual, ele tem uma vida estabilizada, já que suas preocupações resumem-se ao trabalho, ao relacionamento amoroso com Sílvia, biogeneticista, e à amizade antiga e franca com Jânio, professor de História Moderna e especialista na teoria do Condão. Robôs-homicidas? Uma possibilidade que soa impossível para um software instruído a tarefas-padrão e funções extremamente mecânicas. Pelas regiões do Brasil, Edwardo arrasta Jânio e Sílvia em uma busca incessante para desvendar o crime. Só que, quando o trio descobre que essa investigação envolve vários fatos obscuros que influenciaram o atual nível de desenvolvimento dessa sociedade, uma nova realidade se revela de forma estarrecedora.

Joana Amorim, nascida no Rio de Janeiro, filha de Daria Amorim e Juarez Amorim. Mãe, compositora, cantora e apaixonada por arte!

Contato: joanaamorim.autora@gmail.com

JOANA AMORIM

CONTANDO SOBRE COISAS DO CORAÇÃO

ENTREVISTA:

POR ALEXANDRE DE ALMEIDA E CLAYTON DE LA VIE

L!terato: Acho que essa é uma pergunta muito boba e por vezes monótona, mas o que lhe levou a fazer poesia?

Joana Amorim: Tenho uma sensibilidade enorme, mas escondida. Sou tímida quando não conheço as pessoas e tenho dificuldades de expor meus sentimentos. Foi então que um dia peguei um caderno e comecei a escrever o que eu sentia sem saber que era poesia, quando meu professor de literatura leu, imediatamente disse que eu era uma artista e eu dei uma risada, rs.

Então nunca mais parei de escrever.

L!terato: Hoje, poesia é algo raro de se ver por aí. O que você enxerga nessa escassez de poetas e poemas pelo mundo?

Joana Amorim: A falta desenfreada de amor. As maioria das pessoas não acreditam no amor, e isso é triste, mas temos que lutar e ensinar o que é esse sentimento único. Eu estou nessa luta e não pretendo desistir, vou mostrar que um livro de poesia pode ser surpreendente até para aqueles que dizem não gostar de poesia.

L!terato: Quando você decidiu escrever Coisas do Coração? De onde surgiu a ideia? O que podemos esperar do seu livro?

Joana Amorim: Eu não tinha ideia de que eu poderia publicar meu primeiro livro e que era impossível para quem não tem dinheiro. Os anos se passaram, e eu encontrei uma pessoa maravilhosa que deu asas aos meus sonhos, me incentivou a publicar o livro e ainda a gravar um CD com as minhas músicas. Novidades vem por aí graças ao meu esposo Luciano Xavier, meu parceiro de vida!

L!terato: Você costuma empregar em seus textos sempre uma visão positiva, o que vale até mesmo para as poesias que tratam sobre desilusões amorosas. Você leva essa positividade pra sua vida?

Joana Amorim: Eu escrevo sobre todos os nossos sentimentos, mas acho que tudo na vida tem um lado bom, sim, aprendemos muito com a dor. O que nos define como fortes é forma como saímos de uma situação ruim, eu pessoalmente saio sempre de cabeça erguida e mais forte ainda.

L!terato: O Milagre de Clarinha, o seu mais recente lançamento, é uma história infantil que aborda um assunto muito sério: a exploração do trabalho infantil. Sem que o texto se tornasse algo pesado, mas que permitisse transmitir toda a seriedade do assunto, há uma maneira bem singular de escrita - se tratando de um texto seu -, que percebemos pela leveza nas palavras justamente para se destinar o alerta às crianças. Foi um desafio essa escrita?

Joana Amorim: Não, eu amo escrever sobre qualquer

coisa! Minha cabeça trabalha 24 horas sem parar, até dormindo eu sonho com histórias passadas e presentes, uma loucura. Acho que as crianças não podem só ler contos de fadas, mas também devem ler livros que ajudem na vida real. Pois sonhamos para que os sonhos se tornem uma realidade, e com as crianças não é diferente.

L!terato: Há novos projetos a caminho? Poderia falar um pouco deles?

Joana Amorim: Tenho meu novo livro "Lembranças de um diário" pela Chiado editora na Bienal de SP 2016. Lançamento do meu livro infantil "Juarez, o jacaré" em Julho de 2016. Acho que alguns autores esperam que os leitores procurem pela poesia.

Coisas do coração é um livro de pensamentos sentidos verdadeiramente, não só poesias mais todo sentimento que vem à tona quando se está verdadeiramente apaixonado. É um tornado de sentimentos que devasta a alma e depois pede perdão ao coração que como sempre perdoa tudo. É um apelo pelo sentimento que já não se têm quase nenhum respeito humano por ele, e que muitas pessoas já desistiram de senti-lo e transformam suas vidas em um prático convívio por medo de amar. Sim é o amor, é ele que move o mundo de todas as formas. Não tenha medo, ame incondicionalmente, enfrente o amor sem escudo.

A MITOLOGIA DO "MITO"

POR JEFFERSON ANDRADE

Olá, meus caros amigos leitores. Resolvi hoje abordar um pouco sobre o meu tema favorito de estudo: O Mito. O que significa exatamente dizer que temos um Mito em mãos para leitura ou análise? Que estereótipo é esse que assola o nosso imaginário, se esgueirando pelos meandros da simples fantasia, até chegar à sua profunda relação com a psique humana? Até onde um mito pode ter real significado de aprendizagem ou aplicação prática na sociedade moderna? Através dessas perguntas, podemos ter uma base de quão intrigante esse tema tido muitas vezes como inverossímil pode ser para o nosso crescimento.

Infelizmente, existe hoje uma relação errônea entre a palavra "mito" e a "mentira". Uma das questões jornalísticas mais comuns de ser vista em nossos meios de comunicação é a fatídica "mitos e verdades sobre...". Ou seja, hoje em dia, o mito acabou sendo relegado à ideia da falsidade, daquilo que não tem paridade com a verdade, seja ela científica ou proveniente do senso comum. O termo mito, no fim, parece ter sido mal analisado pelos órgãos de imprensa, pois em nenhum momento de nossa história houve na prática essa relação do mito com uma mentira, como veremos a seguir, quando começarmos a entender a questão básica: O que define um mito?

O mito, em sua definição por essência, é uma narrativa simbólica-imagética inserida nas diversas culturas humanas que visa por meio de seus personagens explicar o mundo que os cerca, seja em níveis religiosos ou mesmo das atitudes cotidianas. Ao tentarmos entender o que seria um mito, e na plenitude da união desses, a mitologia, não temos como deixar escapar a figura de Joseph Campbell, renomado mitólogo.

Segundo Campbell, o sonho seria o mito particular, enquanto que o mito seria a representação do sonho coletivo de um grupo. Entretanto, o mito vai muito além disso, pois não se restringe apenas a essa questão mítica, que visa explicar os mistérios que nos cercam, indo ainda além da capacidade de explicar a origem das coisas, se inserindo na própria alçada da ciência. O mito acaba por se transformar, em sua noção prática, em um elo que une a razão das nossas leis naturais, assumindo assim um papel sociológico que em sua extensão constrói a linha tênue que nos ensina não só a forma correta de viver em coletividade, mas também a base da sapiência do homem moderno.

Carl Gustav Jung também dá imenso valor ao poder do mito em sua obra, quando cria a Psicologia Analítica. Longe de ser meu objetivo elucidar questões tão profundas da capacidade

de raciocínio humana, mas podemos evidenciar como Jung dá valor ao simbolismo em sua exploração metódica, e ao analisar essa imagem simbólica em um contexto que ele traduz como os arquétipos universais, que serão a base para o seu conceito do inconsciente coletivo. Através dessa concepção, o mito surge como peça de suma importância, pois para Jung, seja o homem primitivo ou moderno, ele compartilha desse conhecimento arquetípico, que é capaz de romper com a noção de espaço e tempo, ampliando assim a análise da psique humana para além da simples coincidência, ou do casual (exemplo fácil de ser identificado é o mito do herói, com estruturas semelhantes que podem associar tanto a figura de Héracles, na mitologia grega, quanto à do Capitão América, dos modernos escritos da Marvel).

O mito, no fim, se mostra muito superior ao conceito pejorativo que a modernidade procura lhe ofertar. Ainda que seu valor científico possa ser questionado, é mister a sua aplicabilidade para a definição do comportamento humano em um período de tempo, que não obrigatoriamente precisa se limitar ao tempo cronológico estabelecido pelo homem. Mais do que isso, o mito salta aos olhos porque antes de ser entendido ele é capaz de ser sentido, vivenciado em forma única para cada indivíduo, ainda que represente uma coletividade de conhecimentos e interpretações do ambiente que nos cerca, seja pela análise dos homens da antiguidade, ou mesmo da nossa modernidade temporal.

BIOGRAFIA:

Jefferson Andrade nasceu em 18 de setembro de 1987, no Rio de janeiro. É oficial de Infantaria do Exército Brasileiro, formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, de cujas vivências retirou muito da experiência e cenários que o ajudaram a idealizar o seu primeiro livro. É também Acadêmico do curso de História, de onde pode se confirmar a sua paixão por Mitologia e História, que vem desde a infância. Com grande influência das obras de Tolkien, viu na mitologia nórdica a porta inicial para a sua inserção no universo da literatura nacional.

Contatos:

E-mail: andrade.jeff@gmail.com

Blog: www.jeffersonandradeescritor.blogspot.com.br

Facebook: www.facebook.com/escritorJeffersonandrade

Instagram: www.instagram.com/andrade.jeff

UMA TENTATIVA FRUSTRADA DE SE MATAR DE ESCREVER

Por ALEXANDRE DE ALMEIDA

Talvez essa seja a pior sensação de um escritor: estar empolgando com a inspiração para uma nova história e acabar, do nada, perdendo todo o afinco, toda vontade, toda a destreza com as palavras. Tudo trava. As palavras não fluem, como o sangue que para de correr em todas as veias pelo seu corpo. Sua mente se esvai em devaneios sem fim, até que você se encontra preso entre quatro paredes de um cômodo extenso, sem qualquer feixe de luz ou noção de espaço-tempo. É como se você estivesse tentando se enforcar e, ao abrir o alçapão, descobre que a corda é comprida demais para tal feito, porque seus pés tocam o chão, e você não realiza o que gostaria.

É angustiante. Já cheguei a passar meses travado, sem conseguir criar nada, sem inspiração para coisa alguma. E não há praticamente nada que ajude esse tipo de crise a passar; você só tem que encarar esse suicídio falho como uma nova chance de viver um pouco mais, procurar lugares em que se inspirar, personagens que possa criar, dores que possa — ou não — sentir.

A vontade que dá é de pegar o bisturi mais próximo — ou uma faca, se preferir — e cortar os pulsos para sangrar até perder todo o sangue do corpo. Bom, pelo menos boa parte dele. Uma agonia que percorre o corpo, causando comichão, ansiedade, sede, fome e os mais diversos sentimentos de impaciência e desânimo. Sabe aqueles filmes de ficção onde tem um penhasco e alguém está prestes a cair, mas é salvo por alguém? É mais ou menos assim. Na verdade, quando você tem a ideia, quer se jogar do penhasco, o que vai fazer aquela ideia funcionar. Você tem duas certezas: vai despencar ou voar. E está disposto a ambas as possibilidades. Porém, acontece que tem uma tela de vidro que você não sentia, e, no momento em que você pula, dá de cara com ela. Esse é o bloqueio criativo, a barreira de vidro que te impede de cair *e* de voar.

Já vi muita gente recomendando muita coisa a respeito de bloqueios prolongados. Uma dessas dicas foi: releia o que já escreveu. Isso é realmente útil... se você já tiver escrito algo. Se não, a dica é que dê uma volta, procure um cenário que

lembre sua história e vá atrás de novas possibilidades para se trabalhar. Ficar deitado na cama, olhando para o teto e pedindo a qualquer divindade que lhe mande inspiração não vai ajudar muito. Sair para comer, dar uma volta na praia ou em algum parque, apreciar alguma exposição de arte ou adotar um bicho de estimação, fazer compras, comer mais (porque é essencial, no meu caso), cozinhar e muitas outras coisas que um bloqueio criativo pode sugerir fazer e que podem lhe inspirar a voltar a escrever aquela história.

Mas talvez uma solução para os bloqueios seja manter a calma. Inspirações são como a morte: você não deve esperar nem apressar os processos, apenas deixar que tudo aconteça naturalmente. Deixe que o tempo flua sem pressa, sem tensões e sem preocupações; na hora certa, a boa ideia volta para lhe fazer companhia em mais uma jornada pelas folhas de algum papel branco ou colorido. O importante é não desistir do sonho. Se mate de escrever. Não deixe que seja só mais uma tentativa frustrada.

Biografia:

Um garoto sonhador que descobriu o mundo da literatura com mais afinco durante o Ensino Médio, Alexandre de Almeida nasceu em 1996, em Pentecoste, Ceará, mas mora em Fortaleza. É estudante de Jornalismo e Língua Espanhola e um bibliófilo assíduo. Sempre apaixonado pela música e resolvendo uni-la à sua paixão, a literatura, decidiu escrever **Magos da Música**, o seu primeiro livro. **Fragmedos** é a sua segunda obra, um desafio que impôs a si mesmo e que conseguiu cumprir em menos de um ano. Criativo e dono de uma imaginação fertilmente cativante, Alexandre sempre foi muito prestativo e gosta de se manter o mais organizado possível. É membro da ACeJE – Academia Cearense de Jovens Escritores, músico e colunista dos blogs *Alexandria*, blog da *ACeJE* e *Tô Aqui Amiga*.

O QUE está acontecendo?

Imagine se as coisas a seu redor começassem a mudar completamente. Imagine se tudo que você fizesse acabasse sendo esquisito de alguma forma. Imagine se você tivesse poderes. Pietro Jones era um garoto normal, mas nas vésperas de seu aniversário algo parecia diferente. Algo havia mudado. Seu temperamento, suas ações... O que está acontecendo? O garoto que sabe tocar qualquer instrumento que coloquem a seu dispor e que seria capaz de produzir magia com uma única nota. Mas ele não sabia. Não sabia que era dotado da inteligência que muitos humanos não têm. Não sabia que seria alguém maior do que pensava ser. Não sabia o quão era importante em certas partes de um mundo... ou de outro.

Seus pais lhe escondem um segredo. O segredo que esclarece tudo em sua vida.

Pietro descobre, em seu aniversário de 16 anos, que é um...

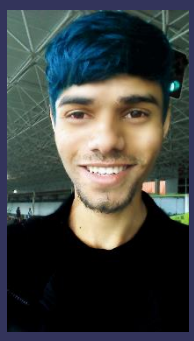
Bem, é alguém especial.

Adquira um exemplar pelo e-mail: alexandre_almeida96@hotmail.com

Visite o blog do autor: www.alexandriabooks.wordpress.com

Clayton De La Vie contando:

A Morte Traz Um Novo Mundo



O assassino tinha sido condenado a vinte e duas prisões perpétuas e doze penas de morte pelo assassinato de trinta e cinco crianças. Diante dele, atrás do vidro que separava a câmara de execução do restante do recinto, as testemunhas podiam ver seu sorriso sarcástico, enquanto o médico aplicava a injeção letal.

Um erro no procedimento fez com que o tubo que conduzia a droga ao organismo do homem fosse entupido. O processo, que deveria ser indolor, tornou-se uma tortura lenta. Rapidamente, os policiais fecharam as cortinas para que as testemunhas não acompanhassem a expressão de dor do condenado. Um barulho instalou-se por todo o prédio, e centenas de raios cortaram o céu lá fora. Na câmara, uma fumaça esverdeada se incutiu pelos dutos de ventilação, e um homem estranho se mostrou presente, em pé, diante dos algozes que empunhavam as agulhas.

— Interrompam a tortura. Levaremos o mestre Gerard. — anunciou, com voz firme.

Um dos militares retirou o cassetete que levava embainhado na cintura, se jogou contra o estranho, no entanto paralisou-se no ar. Para os outros oficiais, parecia que tudo se movia em câmera lenta. Aquele que tinha se lançado contra o homem caiu na parede atrás dele. O ente parecia ser constituído de bolhas de água e, ao simples toque do policial, se desfez em milhões de pequenos pedaços. Apareceu ao lado do assassino amarrado à cama. Ele ainda gemia de dor.

— Chegou a hora, Gerard. — disse, gentilmente, enquanto soltava o condenado. — Ghutrandril precisa de você. Seu povo o espera, ó salvador.

Um outro policial resolveu se mover, eis que o homem ergueu a mão esquerda em sua direção. Seu corpo explodiu no mesmo instante, os pedaços de carne e ossos se espalharam pelas paredes e teto, enquanto o sangue fazia questão de desaguar sobre a cabeça dos seus companheiros.

— Está na hora de Gerard parar de brincar de ser humano. — informou ele; a mesma fumaça esverdeada circundava seu corpo. Suas pernas foram dominadas por uma forte luminescência em tons intensos de vermelho e, tal como chegara, desaparecera levando consigo o assassino, aqueles que todos conheciam como Pablo e que se revelou como Gerard de Ghutrandril.

Desnorteado, Gerard acordou em uma área deserta, não conseguia ouvir sequer o cantar dos pássaros ou os barulhos estranhos que as criaturas menores emitiam. Ao passo em que seus olhos se acostumavam à luz do ambiente, pôde observar que estava sozinho num mar vermelho de areia.

— Puta merda, pensei que o Inferno fosse de outra maneira. — lamentou-se. Apesar de assassino, era um homem cristão, lia a Bíblia frequentemente e sabia que a prática do homicídio era errada, imaginava que o Inferno seria o único lugar que sua alma fosse encontrar após a morte, mas estava errado.

Os assassinos não vão para o Inferno mediante a morte, eles sequer morrem. Sempre que um está condenado, uma comitiva de soldados de Ghutrandril, um mundo acima das nuvens e que abriga seres mágicos, parte em seu socorro. Quando um assassino na Terra é condenado ao esquecimento que a dona de preto proporciona, um Dragão ataca um dos reinos de Ghutrandril. Segundo a lenda, somente o assassino sentenciado pode matá-lo. Se por ventura não obtiver êxito, o reino cai sobre a Terra, destruindo o planeta e matando a população. Parece improvável que um humano seja capaz de vencer uma criatura de poderes tão inigualáveis e, de fato, o é. No entanto, em solo sagrado, eis que a santidade o atinge. Assim funciona em Ghutrandril: não importa o que você é, naquele mundo você terá poderes, será dotado de magias que jamais ousara imaginar.

— Isso é muita loucura, não é mesmo? — questionou Gerard, assim que o homem que o soltara da prisão se aproximou e contou-lhe a história.

— Acredito não ser mais louco que molestar e matar crianças. — replicou ele. — A propósito, seu nome é Gerard. Houve votação.

— Que se dane essa porra de votação. Quero sair daqui. Mande-me de volta à Terra!

— Se voltar, seu destino será a câmara de execução. É isso mesmo que você quer?

— Em que merda eu fui metido?! — esbravejou Gerard.

Nesse instante, os olhos verdes do rapaz assumiram tons escuros de roxo. Seus cachos loiros se lançaram com fúria para trás, no mesmo instante que seu corpo flutuava levemente. Uma nuvem de poeira rodeou a extensão de suas pernas e braços e, tão logo o homem abriu os braços, dissipou-se com um estrondo assustador.

— Que Diabos foi isso? — questionou, espantado, ao mesmo passo em que pousava sobre a areia.

— Uma pequena amostra do seu poder, Gerard. — respondeu o homem. — Acredita em mim agora?

— Afinal, quem é você? — inqueriu, lançando expressões estranhas que mesclavam nojo e curiosidade sobre o homem.

— Sou como você. Já fui um assassino, um dos melhores eu diria. — sorriu ele.

— E por que você não enfrenta o Dragão?

— Não, minha época já passou. O meu Dragão já sofreu o seu destino.

— E quem é você?

O homem fitou o assassino com seriedade, retirou uma faca extremamente afiada do bolso interno de seu sobretudo e disse, enquanto alisava a lâmina com a ponta dos dedos:

— Jack, o estripador.

Gerard deixou escapar um riso cruel por sua garganta, era como se tudo não passasse de uma ilusão malfeita. Jack alisou uma última vez o objeto, olhou com fúria para o rapaz diante de si, o contornou rapidamente lançando seu corpo em movimentos circulares pelas costas de Gerard e feriu seu ombro direito. Na sequência, abaixou-se, ficando quase de joelhos, ergueu sua arma e cortou parte da barriga do assassino em um movimento preciso. Um filete grosso de sangue caiu sobre a areia. Gerard levou as mãos à barriga e caiu de joelhos. Os olhos fitavam assustados o homem perante ele.

— Não ria de mim uma segunda vez. — alertou.

Jack ergueu-se e levantou as mãos em direção ao homem. Das pontas de seus dedos saíram pequenas faíscas, que assumiram a forma de dezenas de serpentes, e foram em direção às feridas do jovem, entraram pelas pequenas fissuras e, instantaneamente, os buracos se fecharam. Gerard percebeu naquele mesmo instante que, de fato, estava num lugar estranho e surreal e que, talvez, fosse possível lutar contra um Dragão, mesmo não imaginando o quanto de poder a criatura tinha.

Dias se passaram, Jack se incumbiu da missão de treinar Gerard... e assim o fez. Foram exaustivas horas seguidas de combates e aulas teóricas e práticas sobre magia. Quando percebeu que o pupilo estava pronto para enfrentar a besta que assolava seu povo, instruiu-o a caminhar pelo deserto. Em determinado momento chegaria a uma cidade de cristal. No topo da torre mais alta estaria a fera com quem teria que lutar. Gerard peregrinou por dias, meses ou até mesmo anos sem que a tal cidade pudesse sequer ser vista no horizonte. Ele jamais saberia precisar o tempo em que se manteve fiel na caminhada contínua. Por sorte, graças a algumas aulas, jamais passou fome ou sede, pois aprendeu a canalizar o pensamento através dos punhos e materializar o que fosse necessário para manter-se vivo.

Um filete de esperança explodiu em seu peito assim que avistou a entrada da cidade de cristal, Lacúnia. Era composta por enormes edificações que se perdiam acima das nuvens – ou o que parecia nuvens aos olhos dele. Sem esperar por mais tempo, sem se importar com os olhares curiosos que os moradores lançavam sobre ele, Gerard pulou sobre algumas construções, atingiu os telhados e disparou, tão rápido como a fofoca que passa de boca em boca nas cidades do interior.

Ao longe, avistou um Dragão gigantesco destruindo os prédios. Suas escamas eram em tons gritantes de azul, suas garras eram fortes, e seu corpo, musculoso. Labaredas arroxeadas saíam de suas ventas e queimavam as

pessoas, que gritavam de dor e desespero ao simples contato com as chamas. O assassino o alcançou. Seus olhares se cruzaram: frios e penetrantes. A fera lançou uma baforada de fogo em sua direção, e Gerard desviou jogando seu corpo para trás em diversos movimentos habilidosos.

O assassino insistiu, foi de encontro ao Dragão, lançando contra suas escamas ataques mágicos: raios saíam de suas unhas, veneno saía de seus pés e rochas saíam de sua boca. O Dragão deu um passo para trás, encarou o estranho que ousava enfrentá-lo, ergueu sua pata contra o homem, o agarrou e o apertou entre os enormes dedos. Os estalos de ossos se quebrando fizeram-se constantes.

Gerard berrava com o esmagamento, mas manteve-se fiel ao que fora fazer ali. Seu corpo se dividiu em diversos pedaços minúsculos e escapou pelas brechas que os dedos mal fechados deixavam. No solo, os pedaços de carne tomaram a figura de Gerard, e ele, então, escalou o colossal animal, retirou uma espada gigantesca que guardava no casaco, perfurou o peito do Dragão e torceu a arma em seu interior. O coração foi atingido. O pesado corpo do animal caiu sobre o solo. O de Gerard despencou também, desacordado.

Quando abriu os olhos, o assassino pôde ver diante de si as testemunhas de sua execução. O tubo foi desentupido, a droga obteve êxito em sua função. Sorriu. Viveu vilão, morreu herói.

LANÇAMENTO

A principal obra de Clayton De La Vie, e a que mais o autor paulista sente orgulho, é **Seres do Além**, uma saga de fantasia que, inicialmente dividida em três volumes, apresenta a vida de um grupo de bruxos, três irmãos para ser exato, que tem o objetivo principal de resgatar Hórus, a Lendária Fênix Vermelha, das mãos de um bruxo cruel e impiedoso e que, em determinado momento, se vê em um emaranhado de intrigas, mentiras e jogos de poder. Abordando de forma clara, Clayton determina que os personagens que transitam pela obra são reflexo do ser humano comum, a mistura do bem e o mal, tão cheio de si e ao mesmo tempo vazio de tudo. Mostra que tanto o bem como o mal são inerentes a todas as criaturas, o que determina o que cada ser é são as suas atitudes, o caminho que resolve cruzar em sua jornada de vida.

EM BREVE, publicação da Editora Fonzie.
Acesse: www.facebook.com/editorafonzie

JOANA AMORIM

POR QUE AO LONGO DOS ANOS A POESIA TEM SIDO NEGLIGENCIADA PELOS LEITORES, QUE OPTAM POR OUTROS GÊNEROS LITERÁRIOS?

Minha opinião é que o leitor não quer mais ler poesias maçantes e com uma linguagem difícil. Eles querem ler um livro que fale uma língua global e simples, que fale de amor, de dor, de ilusão, e de todos os sentimentos simples e reais e não de sentimentos platônicos e impossíveis. O leitor quer ler o extremo, o louco, o romântico sem ser chato. E eu quero prender a atenção dos leitores com os meus sentimentos, e que eles se identifiquem com eles, que são nada mais, nada menos que "Coisas do coração".

"(...) Eles querem ler um livro que fale uma língua global e simples, que fale de amor"

Não espere o terror
bater à sua porta,
vá atrás!
Ah, não se esqueça: também
existem os romances. As livrarias
estão cheias deles.
Participe da próxima edição, escreva para claytondelavie@bol.com.br e
solicite informações.